

A PRESENÇA DA MULHER MOÇAMBICANA EM *O SÉTIMO JURAMENTO* E *NIKETCHE*, DE PAULINA CHIZIANE

Cíntia Acosta Kütter (UFRJ)

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar os romances *Niketche* e *O sétimo juramento*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, destacando alguns pontos importantes em sua obra como o papel da mulher na sociedade moçambicana, a violência, a poligamia, os mitos e tradições que permeiam estes dois romances.

PALAVRAS- CHAVE: Paulina Chiziane, mulher, poligamia, violência.

RÉSUMÉ:

La présente étude vise à analyser les romans *Niketche* et *O sétimo juramento*, de l'écrivain mozambicain Paulina Chiziane, mettant en évidence quelques points importants dans son travail comme le rôle des femmes dans la société mozambicaine, la violence, la polygamie, les mythes et les traditions qui imprègnent ces deux romans.

MOTS-CLÉS: Paulina Chiziane, femme, polygamie, violence.

“Em todas as guerras do mundo nunca houve arma mais fulminante que a mulher, mas é aos homens que cabem as honras de generais.”

Paulina Chiziane, *Ventos do Apocalipse*¹

Introdução

Paulina Chiziane, moçambicana nascida em 1955, em Manjacaze, província de Gaza situada ao sul de Moçambique, foi a “primeira mulher moçambicana a ser autora dum romance”, segundo Hamilton (2007, p.317). A própria escritora, entretanto, não gosta de se definir como romancista, preferindo denominar-se como uma *contadora de histórias*. A

¹ Chiziane, Paulina. *Ventos do Apocalipse*. Lisboa: Caminho, 1999.

autora diz ter-se inspirado naquilo que ouviu, quando criança e adolescente, da boca dos mais velhos, em especial de sua avó, à volta da fogueira.

A escritora em suas obras: “*Balada de amor ao vento*”(1990), “*Ventos do apocalipse*”(1999), “*O sétimo juramento*”(2000) e “*Niketche, uma história de poligamia*”(2002), retrata um atual Moçambique, dividido entre a tradição e a modernidade, e as culturas ancestrais e autóctones. Alguns de seus principais temas são: a sociedade de Moçambique, os costumes e tradições de seu povo, e a mulher.

Em relação à mulher, a romancista escreve, como afirma, livros femininos e não feministas porque, neles, ela expõe:

a mulher e o seu mundo, embora não seja uma obra onde desafie o estatuto da própria mulher. Isso ajuda a refletir e a reconhecer afinal quem é a "mulher" com que nós vivemos. É a minha forma de contribuir para a compreensão dessa realidade e, quem sabe, ajudar a definir novos caminhos...²

Ainda que a autora seja rotulada como feminista por alguns críticos, por abordar constantemente o tema da mulher, ela discorda dizendo “quando pronuncio a palavra feminista, faço-o entre aspas, porque não quero associar-me às loucuras do mundo”. Por este motivo, Chiziane convoca a cena mulheres que tomarão a frente de seu contado e serão suas protagonistas, e cúmplices, nesse passeio por Moçambique.

Assim, propomos uma análise dos romances *Niketche, uma história de poligamia* e *O sétimo juramento*, e os diálogos estabelecidos pela escritora entre os mitos apresentados, as diversas formas de poder e as manifestações de violência nestas obras, a fim de compreender como Paulina Chiziane tece esta malha textual que possui as cores e os relevos de Moçambique.

A mulher na sociedade moçambicana

Desde os tempos mais antigos, a mulher é vista como um ser inferior: impuro, causador de desgraças – más colheitas, tempestades, cheias, secas –, que pode ser humilhado, trocado, emprestado, ou seja, como afirma Rami, personagem e narradora de *Niketche*,

² Chiziane, Paulina. *Entrevista*. In: Ponto Final, Diário de Macau, 21/06/2006.

“esposa ou amante, a mulher é uma camisa que o homem usa e despe. É um lenço de papel, que se rasga e não se emenda. É sapato que se descola e acaba no lixo” (2004,p.54).

As bases ideológicas que situam a mulher como inferior e submissa vêm de muito longe, desde os mitos da criação: na igreja cristã está presente no mito de Eva e na mitologia grega, o mito de Pandora, responsável por espalhar todos os males do mundo. Paulina Chiziane através de suas personagens, principalmente das mulheres, descreve a sociedade moçambicana. Tais personagens geralmente são dotadas de forte densidade psicológica, porque são entretecidas com os fios de várias redes e de culturas diferentes, que convivem no mesmo Moçambique.

No romance *Niketche*, encontramos a personagem Rami, de quem, aliás, já recuperamos a fala que, ao constatar o fato de que seu marido é um polígamo, decide por *cartografar* Moçambique, a fim de encontrar estas mulheres. A narradora percorre o país em busca destas mulheres, que estão espalhadas do norte ao sul de Moçambique, o que resulta, na verdade, em uma busca de si mesma. Ela busca sua ‘essência de fêmea’ que lhe fora ocultada pela tradição *sulista* na qual nascera. Para isso, frequenta uma conselheira amorosa, uma macua, *nortenha*, que lhe desconstrói todos os (pre)conceitos que até então ela carrega. Quando escuta de sua aconselhadora: “És mesmo criança, ainda não és mulher”, ela é surpreendida por uma série de comparações culturais, entre norte e sul, no que diz respeito à iniciação de uma mulher:

No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos da trovoada. Usam lenço na cabeça sem arte nem beleza, como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas. Homem do sul quando vê mulher do norte perde a cabeça. Porque ela é linda, *muthiana orera*. Porque sabe amar, sabe sorrir e sabe agradar. Mulher do norte quando vê homem do sul perde a cabeça porque tem muita garra e tem dinheiro. O homem do norte também se encanta com a mulher do sul, porque é servil. A mulher do sul encanta-se com o homem do norte, porque é mais suave, mais sensível, não agride.³

Com isso Rami passa a repensar sua conduta e a sua ligação com Tony, que tanto se encanta com as nortenhas, mas que escolhera casar-se com ela, uma mulher do sul. Ela constata que seu casamento, consumado e vivido aos moldes ocidentais, resume-se apenas a

³ Chiziane, Paulina. *Niketche*, uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das letras, 2004, p.36 e 37.

um irônico drama do qual ela é uma das personagens, o que a leva a querer conhecer as outras esposas: Julieta, Luísa, Saly e Mauá Sualé:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (2004,p.58)

Essas mulheres encontram-se espalhadas do sul ao norte de Moçambique: em Maputo, em Inhambane, na Zambézia, em Nampula, em Cabo Delgado. Rami inicia, então, a sua peregrinação à busca das outras mulheres, mesmo tendo consciência de que apenas ela é a “esposa” de Tony. Ao percorrer quase todo o país, vê séculos de tradição e de costumes, comprovando as diferenças culturais entre o norte e o sul. Entre tais costumes está incluída a *Niketche*, que empresta título ao romance,

Niketche é o nome de uma dança erótica, que as raparigas da Zambézia e Nampula (Norte de Moçambique) executam à saída dos ritos de iniciação. “A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do niketche. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens, desperta a urgência de amar, porque o niketche é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom (2004,p.160-161).”

Como dissemos anteriormente, essa caminhada em busca das outras mulheres de Tony faz com que Rami descubra as tradições de seu próprio país e suas próprias limitações e desejos. Assim, é possível repensar a condição feminina das mulheres num cenário social marcado pela opressão e pela submissão feminina.

Já no romance *O sétimo juramento*, a mulher nos é descrita primeiramente como:

Mulher é fruta boa. Mulher é tranqüilidade e frescura. Mulher é noite negra que faz a luz ofuscante transformar-se em penumbra. Mulher é mãe, mulher é terra que Deus colocou à disposição do homem como rampa de lançamento no vôo da vida. (2000,p.36)

A mulher é apresentada, desse modo, como algo, não como alguém, o que nos remete isso à ideia de que ela é vista sob a ótica do preconceito que recai sobre o sujeito feminino. Isso se apresenta, primeiro, a partir do fato de ser a futilidade a marca da personagem Vera:

Vera desperta. Levanta-se calmamente e dirige-se à varanda, a respirar o cheiro do mundo, porque cada amanhecer é uma nova ressurreição.(...)Correm-lhe na mente memórias da infância. Uma palhota. A panela vazia.(...)Do seu pedestal solta o espírito e deixa a mente vadiar na pobreza que desfila na estrada grande.(...)Encolhe os ombros impotentes, e deixa-se embalar por pensamentos tristes.(...)O que me deu hoje, para me preocupar com os problemas dessa gentalha?, censura-se. Nasci na pobreza, mas não tenho a sina da miséria. Tenho um marido que me dá tudo: um orçamento gordo no fim de cada mês, sexo na hora certa, honra, prestígio social.(...)Ela olha-as de cima e mostra-lhes o traseiro.Despreza-as. (2000, p.16-17)

Outra personagem importante, que será a representação da tradição e da sabedoria do mais velho, dentro deste romance, é a Avó Inês:

Diz ditados e fábulas. Embala-o.(...)Era uma vez um rapazinho que pastava gado.(...)(2000, p.26)

Deixa-me revelar-te alguns segredos da vida, minha Vera.(...) Agora não, avó, estou cansada. Fia para outro dia.(...)Lembrar-te-ás deste meu desejo com o coração quebrado e maltratado. Aí, revolverás o chão do meu túmulo para encontrar este saber que comigo parte para a eternidade.(2000, p.29-30)

A avó será o elo entre o passado, de onde emana sua sabedoria e o presente, no qual sua missão é auxiliar o neto a encontrar seu destino. A sina de Clemente, seu neto, fora traçada, ele tem a missão de saldar dívidas com os espíritos ancestrais, ele é um *Nguni* que salvará esta família dos ataques dos *Ndaus*, aqui manifestados pelas forças do bem e do mal, como confirma a avó: “Tu és prometido (...) Tu és o homem que buscará a cura de todos os

males.” (2000, p.28). Será esta mulher, a mais velha, quem tomará para si o dever de auxiliar o neto na missão que salvará, não apenas a família, mas as futuras gerações, para que as promessas não cumpridas pelos antepassados sejam saldadas por Clemente – cheio de misericórdia – . Podemos atentar aqui para a postura da avó, de proteção em relação ao neto, talvez pelo fato de, no passado, ter-se calado frente ao sacrifício de sua família – marido e filhos – restando-lhe apenas um, David, o escolhido por Deus, para dar continuidade à família. Com esta atitude ela tenta reverter o passado, e assim garantir a sobrevivência de sua família.

Além destas duas personagens, encontramos a filha Suzy, oferecida em sacrifício à *Makhulu Mamba*; Cláudia, a secretária da fábrica com quem David tem um caso; Mimi, a jovem comprada em uma casa de prostituição e a maga Moya que assim se apresenta no contado:

O meu nome é Moya, porque sou alma, vento e espírito. Vivo sobre os montes e sobre a água porque gosto da luz e do mar. Deste miradouro vejo a outra metade do arco-íris, mergulhada no fundo da terra. Eu sou azul e sou filha de Deus. (2000, p. 223 -224).

Assim se completa o círculo de mulheres em torno de David, dentre elas as que deve possuir – com exceção de Moya – para que o rito esteja completo. Em sua maioria, elas não serão possuídas por amor, mas pelo desejo insano de poder que o move e lhe fora prometido por *Makhulu Mamba*, em troca do sacrifício destas. Eis o papel da mulher: servir, ser submissa. Primeiro ela o é ao pai, depois ao marido ou amante.

No entanto, o texto mostra, também, que há outras, talvez poucas que têm a missão de serem portadoras de um tipo de poder do qual nasce a luz e nada tem a ver com o poder que mobiliza, na visão de Paulina, o sexo masculino. Para isso pensaremos aqui em duas metáforas que sintetizariam o feminino nestas obras: a primeira é a dança, *Niketche*, como metáfora dos relacionamentos extraconjugais de Tony, no primeiro romance. E há a história e a religiosidade do país, como metáfora refletida na história destas mulheres em *O sétimo juramento*. Em ambos, elas retratam diretamente a vivência das personagens dentro de suas respectivas sociedades sejam elas através da poligamia ou da fé.

Embora estas personagens femininas nos sejam apresentadas de diferentes pontos de vista, estão todas dentro de um mesmo contexto: são todas do sexo feminino, mães ou não, que lutam pelos seus ideais e, principalmente, pelo seu espaço na sociedade moçambicana.

Deste modo, invocamos as figuras de Rami e da maga Moya, que apresentam algumas peculiaridades – ou similaridades – nestas obras. Existe um processo de espelhamento entre estas duas mulheres: apesar do fato de uma, ser dona de casa e a outra, uma maga, existe uma superioridade espiritual que é comum a ambas, mesmo que revelada de maneiras diferentes: em uma é exposta através do senso maternal para com as rivais-irmãs; e a outra de forma mais enfática, já que a própria maga se denomina como tal no próprio contado.

Violência e poligamia: cultura imposta

Os textos de Paulina Chiziane demonstram como a questão da poligamia é tratada de diferentes formas, embora seja uma prática tradicional neste país. O Prof. Robson Dutra recolhe uma estória que poderia explicar o surgimento da poligamia, como uma prática social. Diz ele:

Em sua recolha de contos moçambicanos do vale do Zambeze, Lourenço do Rosário apresentanos o relato oral colhido de uma camponesa que apresenta a origem da poligamia. Segundo a narrativa, uma enchente no rio fez com que os homens que habitavam suas ilhas morressem todos afogados. Às mulheres sobreviventes coube assumir todos os trabalhos para a manutenção da vida naquela comunidade, exceto, obviamente, a procriação.(...) Tempos depois, dois irmãos que viviam em um povoado do outro lado do rio lançaram-se ao desafio de atravessá-lo.(...) Passado algum tempo, tais mulheres os encontraram e ambos creram que seriam condenados à morte.(...) A punição dos dois irmãos foi, portanto, dormirem cada noite com uma daquelas mulheres. Ao cabo de três anos, a aldeia estava outra vez povoada de crianças (...) Esta é a razão mítica por que, até hoje, sobretudo no meio rural moçambicano, a poligamia seja exercida, com vistas à manutenção de atividades como a lavoura e, conseqüentemente, ligadas ao poder. (2007, p. 310)

Conforme a ideia acima, a poligamia seria uma questão de sobrevivência para determinado povo, pensamento este que conflita com o modo como é abordado no romance *Niketche*. A autora resgata a poligamia no sentido *tradicional* da palavra, ou seja, pelo interesse sexual-afetivo, que esta representa.

Poligamia é uma rede de pesca lançada ao mar. Para pescar mulheres de todos os tipos. (...) Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com as mãos, amputar o coração. Drená-lo até se tornar sólido e seco como uma pedra, para matar o amor e extirpar a dor quando o teu homem dorme com outra, mesmo ao lado.(2004,p.91)

Se analisarmos quanto ao viés sexual, invocaremos aqui a figura de Tony, o polígamo do primeiro romance. Este, que além da esposa tem mais cinco mulheres, – *Julieta, Luísa, Saly, Mauá Sualé e Gaby* – pois, Eva, que fora trocada por Gaby as vésperas da viagem para Paris, fora a mais sensata das amantes em não contentar-se com a migalha que lhe coubera. Teve coragem em negar o pouco que a poligamia lhe ofertara. A única que teve seus *direitos* respeitados fora Ramy, a legítima, enquanto as demais foram enganadas, mal-tratadas, não-loboladas e não tiveram nenhum de seus *direitos* respeitados por Tony que, ao contrário, apenas as maltratava e não as amparava quando necessário.

Inicialmente, movida por curiosidade, Rami descobre estas mulheres, seus filhos e suas histórias. O modo como foram arrastadas para esta teia poligâmica por meio de mentiras e falsas promessas, pois na verdade, o sonho de ser única na vida de Tony era compartilhado por todas. Para tentar atenuar esta situação, Rami esforça-se muito para que estas mulheres, sejam reconhecidas por seu marido, para que elas e seus filhos tenham seus direitos assegurados e o lugar que lhes cabe junto à família e à sociedade.

Já na obra *O sétimo juramento*, a escritora o faz de outra forma, visto que aqui a poligamia é vista pelo prisma do interesse. David, faz uso do status de polígamo, um direito que assiste ao homem africano, desde que este tenha condições físicas e financeiras de manter quantas esposas desejar. Historicamente, devemos isso à influência muçulmana, onde a prática poligâmica é comum, o que acabou por influenciar os costumes em África, onde hoje também se tornou comum.

David ao iniciar-se na poligamia, encara-a como um negócio, pois se não possuir o número de mulheres que lhe fora imposto ele não receberá o tão sonhado *poder*. Para isso, a personagem mente, rouba, trai, violenta tudo e todos que se colocam a frente de seu objetivo. Ele deve possuir quatro mulheres, pois este é o número do equilíbrio, como afirma: “Quatro membros tem o home. Quatro patas têm os bichos mais fortes da natureza. Quatro paredes têm um edifício. Quatro rodas têm um carro. Quatro é o número da estabilidade.” (2000, p.87) Com base nestas analogias percebemos a frieza do personagem David e o quanto ele luta para

vencer seus leões interiores, pois se o seu objetivo é a conquista do poder, qualquer sacrifício, seja ele da ordem que for será ultrapassado.

Nos dois romances a autora aborda o tema da poligamia de forma muito perspicaz, visto que no primeiro romance, *Niketche*, a questão está, aparentemente, vinculada ao sexual apenas, enquanto no segundo, *O sétimo juramento*, esta ligação é cercada de agonia e sofrimento pelas vítimas, por tratar-se de uma etapa a ser vencida para que o objeto de David seja atingido. Outro ponto relevante na leitura de Paulina Chiziane é a questão da violência. Almiro Lobo, em uma frase, consegue expressar o drama da violência imposta à mulher ao dizer: “e a história mais recente do país é, metaforicamente, a história dramática de vida de uma mulher”⁴. Nos romances aqui analisados, a violência é enfatizada a todo momento, seja ela física, no espaço da vivência doméstica, como se dá em *O sétimo juramento*:

De repente Vera sente algo explodir em seu rosto de seda.(...)A incerteza do futuro lançou já a semente da violência que brotou e promete gerar violência em cadeia.(...) trovada, violência e sangue.(2000,p.40)

Seja ainda como inscrição, no espaço histórico-social, quanto de violências e violações sofridas pelo que delas se mostra nos espaço-tempo das guerras que foram obrigadas a viver. É o que revela este relato extraído de *Niketche*:

Há dias conheci uma mulher do interior da Zambézia. Tem cinco filhos, já crescidos. O primeiro, um mulato esbelto, é dos portugueses que a violaram durante a guerra colonial. O segundo, um preto, elegante e forte como um guerreiro, é fruto de outra violação dos guerrilheiros de libertação da mesma guerra colonial. O terceiro, outro mulato, mimoso como um gato, é dos comandos rodesianos brancos, que arrasaram esta terra para aniquilar as bases dos guerrilheiros do Zimbabue. O quarto é dos rebeldes que fizeram a guerra civil no interior do país. A primeira e a segunda vez foi violada, mas à terceira e à quarta entregou-se de livre vontade, porque se sentia especializada em violação sexual. O quinto é de um homem com quem se deitou por amor pela primeira vez. Essa mulher carregou a história de todas as guerras do país num só ventre.(...) são filhos dos deuses do fogo, filhos da história, nascidos pelo poder dos braços armados (...) A minha felicidade foi ter gerado só homens, diz ela, nenhum deles conhecerá a dor da violação sexual.(2004, p. 278).

⁴ LOBO, Almiro. *Niketche, uma história de poligamia: a Moçambique revisitada*. In: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

Lembrando ainda o ato de violência cometido por Tony contra Lu, narrado por Vítor:

Pergunta a Lu. Ela vai contar-te como esse brutamontes do vosso marido se embebedava, a espancava, durante a gravidez, a fechava num quarto e nem lhe dava comida. E ela nada fazia para inverter as coisas porque dependia dele para comer, para existir. (2004, p. 86,87)

A amante sofre com a violência doméstica, o que não acontece com a esposa, em *Niketche*, mas esta é atingida em *O sétimo juramento*. Por meio desses dois romances Paulina Chiziane nos revela os dramas que a poligamia traz consigo, desde o fato de ter que dividir o marido – amante – com as demais, até sujeitar-se aos seus atos de violência. Mesmo o homem que hoje demonstra ser o mais pacato já proporcionou dias de violência a uma mulher, como o próprio Vítor fala:

Também já fui um tirano a vida inteira. Espanquei minha mulher no último mês de gravidez. Foi de urgência para a maternidade e perdeu o filho, o único filho homem que ela ia me dar. Tínhamos duas meninas. Eu ambicionava um rapaz e perdi-o. Matei-o. por estupidez. (2004, p.87)

É o cenário desta história – de um Moçambique que sofrera intensamente com a violência, conquistou sua independência apenas em 1975 e vivenciou a guerra civil – que a poligamia passeia. Em um, com sede de volúpia, no outro com sede de poder. Assim, compreendemos como a *história* encaixa-se ao romance, ou, o romance encaixa-se à história deste país marcado por diversos períodos de guerras e calamidades.

Mitos: culturas e tradições (des) obedecidas epistemicamente

No romance *Niketche*, a romancista detém-se as tradições de servidão, o fato da mulher dever servir seu marido de joelhos, e de que o homem deve comer as melhores partes

da galinha, por exemplo. Ou ainda as tradições que dizem respeito ao kutchinga⁵, o lobolo, ou seja, práticas instituídas por uma sociedade patriarcal.

No romance *O sétimo juramento*, as questões míticas se apresentam no enfrentamento entre pai e filho, bem *versus* mal. O que se dá de forma a ultrapassar as culturas, desfazer mitos e renovar tradições por muitas vezes esquecidas. Iniciando pela questão da personagem David, começa o romance de modo a entendermos tratar-se de um líder. Mas, ao mergulharmos na história notamos que este *líder*, não passa de um falso colaborador da causa – lembrando que ele, quando operário lutava pelos interesses de sua categoria – e que agora visa apenas a própria sobrevivência, mesmo que para isso ele faça uso do *outro*.

David toma o lugar histórico do *outro*, vencido pela independência e visto como um explorador numa relação de domínio. Esta é uma transformação fundamental no seu caso, visto que era um combatente da libertação:

Imagens de um passado de glória correm na mente como fotografias. Treinos militares e guerra contra o colonialismo, marchas, combates. Sabotagem. Comícios. Discursos. Palavras de ordem. Euforia, sonhos, convicções. Vitória final sobre o colonialismo. Delírio colectivo no dia da celebração da independência. (...) (2000, p.15).

Através da transformação do diretor da fábrica, que se faz duplo, o *outro* que combatera, detectamos, no romance, os rumos tomados pelas mudanças sociais. Segundo Fanon, os novos dirigentes não querem “não em se tornar um colono, mas em substituir o colono”⁶. No caso de David ele sofre a metamorfose ao passar de operário a diretor. Com isso, acaba por toma o lugar do *outro* que sempre ajudara a combater.

Pela transformação de David que verificamos, mais uma vez, a necessidade imperiosa de manterem-se vivas formas de representação como: a identidade colonial moçambicana. Neste romance, já não se constrói, principalmente pela demarcação de um *outro* ligado a uma tensão entre a tradição local e a modernidade transplantada, mas tem a ver com uma nova relação de domínio no próprio país e com o processo de hibridação dentro da própria

⁵ Kutchinga, levirato, cerimônia de purificação sexual; prática socialmente institucionalizada de relações sexuais de uma viúva com o irmão de seu marido.

⁶ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2. ed. Tradução de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Perspectivas do Homem, v. 42).

sociedade que, apesar de ser causado pelo colonialismo, se tornou uma peculiaridade independente no processo da definição da própria identidade pós-colonial.

David, o diretor da empresa e ex-combatente no período colonial, representa, desta maneira, os revolucionários, ou seja, a primeira elite moçambicana no pós-independência, cujo papel na destruição dos vestígios da tradição no país está inserido nas recordações e atos do personagem. Quando ele recorre aos costumes ancestrais sob a forma da magia negra para resolver os seus problemas na vida moderna, a escritora nos demonstra como as oposições inseridas no romance (bem e mal/ tradição e modernidade) dividem o passado e o presente do povo moçambicano.

Em relação ao personagem Clemente, que sofre, desde o início da narrativa com as visões em que é perseguido por “um velho muito alto, muito magro e muito negro” (2000,p.23) e que diz coisas que não consegue entender. Em realidade, como o texto mostra, trata-se do guerreiro que deseja reencarnar, é o espírito do *Nguni*, este que precisa – do corpo – de Clemente, porque é através dele que ele guerreará contra os *Ndaus*. Por outro lado, também podemos pensar esta relação com o passado do país a perseguir o presente para que este salde algumas dívidas. Neste sentido o presente é alegorizado por Clemente e o que se deseja é encontrar um novo caminho para Moçambique que atenda à tradição sem abandonar de todo a modernidade.

Será através de Clemente, o filho tido como “perturbado”, “possesso”, aquele que grita “o trovão, mãe” (2000,p.21) fazendo-nos lembrar do “horror” de Conrad⁷ que surge a possibilidade de salvação para esta família. Na obra de Conrad, o “horror” é causado pelo sistema colonial – amarras físicas e sociais – em África, enquanto no *O sétimo juramento*, o relacionamos com o horror interior que assola a personagem, que tenta libertar-se – das amarras espirituais – assim como África tentou se libertar de seus colonizadores. Ao fazer-se curandeiro, ele acaba descobrindo sua identidade e, alegoricamente, recompõe o lado partido da identidade de seu país.

O filho é o vencedor do conflito travado com pai, quando se confronta tradição e modernidade, além de uma relação de domínio como consta da descrição do que significa ser curandeiro:

⁷ CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Trad.. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

Ser curandeiro é desprestigiante nas nossas mentes alienadas. É invocar conhecimentos e tradições que se pretendem banidas desde os tempos da inquisição européia. É resgatar o ser e o saber de um povo desprezado. É dominar o conhecimento sobre a vida e sobre a morte. É ser procurado às escondidas por pessoas que recusam a sua identidade, mas que recorrem às raízes do seu ser quando à vida aperta (2000,p.243-244).

Assim, David – que é o exemplo de uma fusão entre tradição e modernidade que conduz à autodestruição –, descobrimos uma nova forma do ser moçambicano personificado por Clemente e que se projeta como um caminho possível para o futuro do país. Ou seja: uma fusão das culturas que concilie os elementos em conflito – como representa a personagem Clemente, que compreende o seu papel e, assim, perdoa o pai e seus terríveis comportamentos, pois o importante será a construção de um futuro que não seja de conflito, mas de equilíbrio.

Concluindo

Após termos trançado os fios destes dois romances, podemos pensar que a abordagem proposta por Paulina Chiziane é de suma importância para o cenário da literatura escrita em Moçambique. Isso se dá pelo fato da escritora ser uma mulher que escreve e reflete sobre sua sociedade através de histórias protagonizadas por mulheres, sem aceitar a tarja de feminista, o que é bastante difícil.

Assim, como vimos, a escritora abarca o tema poligamia, em *Niketche*, com o objetivo de uma crítica à sociedade moçambicana atual e nos alerta para a importância e respeito que devemos a tradição. Em *O sétimo juramento*, a autora reforça este culto às tradições, pois se não houvesse a presença do mais velho, do mito, dos ancestrais, das dicotomias – bem *versus* mal – e magia, o que seria de África? Mais um continente perdido entre os oceanos Atlântico e o Índico sem a magia que não apenas seduz o ocidente, mas contribui para a construção da própria identidade de África.

Referências Bibliográficas

CHAVES, Rita, MACEDO, Tânia e VECCHIA, Rejane. *A Kinda e a Misanga*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007.

CHIZIANE, Paulina. *Ventos do apocalipse*. Lisboa: Caminho, 1999.

_____. *O sétimo juramento*. Lisboa: Caminho, 2000.

_____. *Niketche, uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

CHIZIANE, Paulina. Entrevista. In: Ponto Final, *Diário de Macau*, 21/06/2006.

CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Trad.. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

DUTRA, Robson. *Niketche e os vários passos de uma dança*. In: MATA, Inocência e PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2. ed. Tradução de José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Perspectivas do Homem, v. 42).

LOBO, Almiro. *Niketche, uma história de poligamia: a Moçambique revisitada*. In: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

Artigo recebido em 30-04-2014
Artigo aprovado em 30-06-2014